

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Depoimento de Z. Paes

Class.: 09

Data: 13/01/77

Pg.: \_\_\_\_\_

### Delegado da Funai ameaça indígenas

13/01/77 PAMELA NUNES, FSP  
Enviado Especial

VILA SURUMU, RORAIMA —  
“Veja bem, se unindo a nós e ao tuxaua, ganharemos mais conceito e consideração. A Funai ajuda, combina, mas também pune”. Esse é o trecho final da carta enviada pelo delegado da Funai em Roraima, José Carlos Alves, ao índio macuxis da maloca do Arai — à revelia do cacique da tribo — propondo que dez índios trabalhassem para o fazendeiro José Augusto, como pagamento por um boi que, segundo o latifundiário, o tuxaua havia matado.

Conforme depoimento do tuxaua Laureano, durante a Assembléia de Chefes Indígenas de Roraima dissolvida pela Funai, “o sr. José Augusto Soares, fazendeiro, está massacrando o tuxaua de Arai. Estão acusando o tuxaua Laureano de ter matado um boi do fazendeiro. Isso não é verdade. Não matei nenhum boi dele”.

#### O RELATO

De acordo com o relato do cacique, o caso começou em junho do ano passado quando recebeu intimação de Polícia Federal para comparecer à fazenda Vendaval, de propriedade do fazendeiro José Augusto Soares, no dia 17 de junho, na parte da manhã.

No dia marcado, ureano compareceu ao local, onde já se encontravam o fazendeiro, o posseiro José Simão — casado com uma índia macuxi e que possuía na área uma pequena criação de gado — e dois agentes da Polícia Federal.

Logo de início, ainda segundo o relato, o policial deu ordem sumária a José Simão de se retirar da região, no prazo de cinco meses, alegando que havia problemas entre ele e os índios. Apesar dos protestos do tuxaua, a ordem foi cumprida e o posseiro foi obrigado a retirar-se.

Em seguida, José Augusto dirigiu ao tuxaua Laureano, dizendo que “o problema agora é entre mim e você. Você flechou um boi meu e o moqueou. Vai ter que pagar por ele”.

Laureano respondeu que não era verdadeira a acusação e pediu provas. José Augusto chamou então, um menino macuxi, de 9 anos, que ajoelhou-se e confirmou que Laureano havia matado o boi do fazendeiro e comido.

“Depois foi para a cozinha e chorou muito”.

“Ai então — diz Laureano — o policial falou que aqui não tinha muita conversa, que eu tinha que pagar mesmo o boi. Fiquei com medo e não falei mais nada”. Essa foi a primeira vez que o cacique se confrontou com um agente da Polícia Federal. Após a reunião, o menino ficou retido dois meses na fazenda, até que seu pai José, da aldeia cumanan, o exigiu de volta à força”.

José Augusto, além de fazendeiro, é médico-veterinário, filho de Nene Macagi, funcionária do antigo Serviço de Proteção aos Índios, tendo trabalhado na Reserva de São Marcos, demarcada por Rondon em 1917 para os índios Macuxi e Jarikuna, conforme demonstram marcos com placa de bronze espalhados em pontos estratégicos da área indígena. A fazenda de José Augusto foi grilada dessa reserva dos índios macuxi e jarikuna.

#### O PAGAMENTO

Ao término da reunião, o fazendeiro detalhou a forma do pagamento do boi, segundo contou o tuxaua. O pagamento seria feito mediante o serviço de dez índios, que deveriam trabalhar durante cinco dias na construção da estrada da fazenda ou então cinco homens por dez dias de trabalho.

“Voltei triste — diz o tuaua — e quando falei para os meus companheiros o que tinha sido resolvido, eles se revoltaram contra mim e não aceitaram trabalhar, dizendo que era um absurdo, uma vez que ninguém na maloca tinha roubado o boi”. Pressionado por todos os lados, o tuxaua procurou seu colega da aldeia do Barro e a Missão Surumu.

Nova reunião foi marcada, mas Laureano não compareceu por não ter recebido o aviso transmitido pelo rádio. O tuxaua da aldeia do Barro, que compareceu ao encontro, fez o seguinte relato:

“O dr. José Augusto falou que o tuxaua Laureano tava fazendo ele de menino. Disse que acertava com aquele índio sem-vergonha e, gritando muito alto disse: de hoje em diante, os índios do Cumana e do Arai que passarem pela fazenda vou soltar os cachorros neles. E, nem que tiverem com as tripas para fora é proibido dar comida e água. Estão proibidos, também, de caçar e pescar no miang-lago na fazenda. Disse, também, que “sou muito amigo dos índios mas assim, matando gado, não”.

#### A CARTA

Desesperado com as ameaças, conforme disse Laureano, “fui para Boa Vista falar com a Funai”. Quando se apresentou ao delegado, também o fazendeiro também estava lá”.

Falaram de muitas coisas que não entendi nada, porque o branco fala muito difícil e o delegado me mandou voltar no dia seguinte para receber uma carta antes de voltar para a aldeia.

Na manhã seguinte, Laureano recebeu uma carta, e recomendação do

delegado da Funai de só abri-la quando chegasse à aldeia. A íntegra é a seguinte:

“Prezados índios:

“Ficou acertado aqui entre eu, delegado da Funai, o tuxaua Laureano, dr. José Augusto e dr. Miguel da Polícia Federal, uma ajuda para vocês aí, porém o caso do boi deve ser acertado.

“O tuxaua é elemento representativo de vocês perante a Funai, e como tal deve ser ajudado. Hoje ele vai levando pregos para mudar a cobertura da escola, logo que estiver pronta, já combinamos com a Secretaria de Educação, será mandada professora.

No fim do mesmo de agosto e início de setembro, vou aí junto com dr. José Augusto, vê se a escola está pronta e combinar um término da estrada até a maloca, quando a Funai dará umas ferramentas para trabalhar na estrada e um pouco de rancho, e o José dará uma caça para comer no trabalho.

“Com isso, peço a vocês ajudarem para nós pagarmos esse boi do Zé Augusto, se reunam com o tuxaua e combinem como será o serviço e quando eu chegar combinaremos o dia de começar o trabalho para também pagar o boi. Vocês com isso ganharão ferramentas, estrada e uma vaca para comer no serviço. No serviço de Zé Augusto ele dará comida também desde já ele autorizou novamente o vaqueiro dele a deixar os índios do Arai a parar na casa dele, dormir e comer alguma coisa.

“Vejam bem, se unindo a nós e ao tuxaua, ganharemos mais conceito e consideração. A Funai ajuda, combina, mas também pune”.

Laureano disse que a carta, datada de julho, “me levou à maior demoralização junto aos meus companheiros”. Ele procurou a missão de Surumú, e uma foi enviada ao delegado da Funai, pedindo explicações mas não houve resposta.

#### AMEAÇAS

Na conclusão de seu relato, o chefe índio Laureano denuncia ainda ameaças que recebeu do fazendeiro. Suas palavras:

“Agora, há um mês atrás, vinha eu do Arai, tocando meu boizinho carregado de farinha de mandioca para ir comprar sal e fósforo em Surumun. O doutor me viu passar na fazenda dele e me cercou com o carro. Estava armado, e falou assim: “ô caboclo safado, você não vai pagar meu boi?” Aí então me provocou para trocar balas com ele e disse que após as eleições “eu vou trazer a Funai para conversar direitinho com você”.

Laureano voltou a procurar a missão, dizendo que os índios estavam sendo ameaçados.

“Agora o dr. José Augusto quer abrir uma fazenda perto da maloca do Arai. Mas nós não queremos mais este homem aqui. Tenho certeza que o dr. José Augusto trabalha com a Funai, pois o delegado me disse que o dr. José Augusto “trabalha comigo”.